

LIVRES PARA VOAR

Às sextas, alguns senadores marcam presença em plenário, garantem o jeton e vão para casa

Luiz Alberto Weber

Fotos: Jorge Cardoso

O Congresso mudou e continua o mesmo. Em quatro meses de trabalho, todas as sessões do Senado foram realizadas. Em nenhuma houve falta de quorum. Foram 98 sessões em 98 dias. O Congresso mudou.

A primeira causa: o Senado está apinhado de emendas de reforma à Constituição para os parlamentares votarem. "Queremos trabalhar", diz o líder do PSDB, Sérgio Machado (CE).

A segunda causa: o presidente do Senado, José Sarney, ameaçou a cortar o jeton — remuneração de R\$ 267 concedida por sessão com votação — dos senadores que abusassem das faltas. Cada senador pode ter no máximo seis faltas.

Mas o Congresso continua o mesmo. Vários senadores estão gazeteando as sessões das sextas-feiras — mais vazias — sem correr o risco de ingressar na lista de faltosos, garantindo um índice de frequência que permite o recebimento do jeton no final do mês.

Gazeta — A tecnologia do enforcement é simples. Os senadores marcam presença nos primeiros minutos das sessões de sexta e, antes mesmo que os trabalhos sejam encerrados, rumam para o aeroporto com destino a seus estados.

Isso acontece porque os senadores não sabem se a falta à sessão de sexta será perdoada. O jeton só é descontado quando o senador falta a uma sessão com *Ordem do Dia* e com votação, o que pode ocorrer ou não nas sextas.

"A maioria tem medo de faltar e descobrir depois que perdeu uma sessão com *Ordem do Dia* e o jeton", avalia Nabor Júnior (PMDB-AC), um campeão de frequência. "E só se sabe disso na hora", explica.

Em média, cada parlamentar engrossa o salário com R\$ 2.500 ao mês com esse benefício.

Códigos — Dos 81 senadores, 34 marcaram presença em plenário na sexta-feira. Sete deles, porém, digitaram seus códigos nos primeiros minutos de sessão e enforcaram o resto.

Os senadores Roberto Freire (PPS-PE), Júlio Campos (PFL-MT), Bernardo Cabral (PP-AM), Franceline Pereira (PFL-MG), Freitas Neto (PFL-PI), Carlos Wilson (PSDB-PE) e Jäder Barbalho (PMDB-PA) chegaram ao aeroporto antes das 11h12, hora em que terminou a sessão no Senado.

"Não é a presença em plenário que faz um senador. Está cheio de rato de plenário que não faz nada de útil para a Nação", disse o senador Júlio Campos (PFL-MT).

Dinheiro — "Não tenho que ficar lá ouvindo besteira todas as sextas, devo é conseguir dinheiro para meu estado", completa Campos, que deu um show de agilidade ao ser o primeiro a marcar presença em plenário, na sexta, às 8h24. Pouco depois, às 10h30, estava no aeroporto.

"Uma espingarda aqui ia fazer um estrago. Essa Casa só tem voador, gente que chega cedo para marcar presença e depois ir embora para o estado", confirma Epitácio Cafeteria (PPR-MA), que usou do mesmo expediente na sexta-feira (17).

"É um erro associar o trabalho do Congresso à presença em plenário", diz Sarney, com razão.

O problema é que os senadores que cabulam as sessões de sexta — mas garantem a presença na lista — formam um estoque de frequência que compensa, ao longo do mês, quatro outras faltas do parlamentar.



Show de agilidade: Campos marcou presença em plenário às 8h24 e às 10h30 estava no aeroporto, rumo a Cuiabá

"Não tenho que ficar ouvindo as besteiras das sessões de sexta, prefiro voltar cedo para o estado e trabalhar"

Senador Júlio Campos (PFL-MT)

O FLAGRANTE

A escolha dos senadores gazeteiros seguiu um único critério. Foram fotografados todos os parlamentares que registraram presença no Senado na manhã de sexta e que embarcaram antes das 11h12, horário do término da sessão.

Do total de 34 senadores presentes, sete abandonaram a sessão ainda no início e embarcaram para os respectivos estados.

Foram eles: os senadores Bernardo Cabral (PP-AM), Júlio Campos (PFL-MT), Franceline Pereira (PFL-MG), Freitas Neto (PFL-PI), Carlos Wilson (PSDB-PE), Roberto Freire (PPS-PE) e Jäder Barbalho (PMDB-PA).

Todos esses senadores foram fotografados no aeroporto, enquanto a sessão ainda estava em andamento, antes das 11h12.

O tempo médio de permanência de cada um desses senadores em plenário variou entre quatro e dez minutos. Apenas dois — Bernardo Cabral e Júlio Campos — chegaram a se sentar em plenário.